

**Rádio documentário Facebook:
O papel da rede social na articulação das manifestações de junho de 2013,
em Campo Grande, MS¹**

Laura TOLEDO²

Luana CAMPOS³

Mikaele TEODORO⁴

Daniela OTA⁵

Universidade Federal do Mato Grosso do Sul, Campo Grande, MS

RESUMO

Em junho de 2013 o Brasil foi palco de uma onda de grandes manifestações de rua que sacudiram mais 438 cidades do país, segundo dados da Confederação Nacional dos Municípios (CNM). O estopim da crise foi o aumento de passagens de ônibus em várias capitais e cidades, revelando os altos preços e a má qualidade do transporte público. Entretanto, as reivindicações foram muito além do transporte, abrangendo um conjunto diferenciado de demandas que vão do fim da corrupção até a diminuição de impostos, a reforma agrária, a demarcação de terras indígenas, o fim da impunidade. O objetivo deste rádio documentário é analisar a importância das redes sociais para articulação dessas manifestações.

PALAVRAS-CHAVE: radiojornalismo; manifestações; facebook; comunicação

INTRODUÇÃO

Em junho de 2013 o Brasil foi palco de uma série de manifestações ocorridas na maioria das cidades. No dia 06 de junho, 150 jovens protestaram no centro da cidade de São Paulo, na hora do *rush*, rumo à Avenida Paulista. Era o primeiro protesto do Movimento

¹ Trabalho submetido ao XXI Prêmio Expocom 2014, na Categoria Jornalismo, modalidade Produção laboratorial em audiojornalismo e radiojornalismo (avulso/ conjunto ou série)).

² Recém-graduado do Curso de Jornalismo, email: lauratrupe@gmail.com

³ Estudante do 8º Semestre do Curso de Jornalismo, email: luana123campos@gmail.com

⁴ Aluno líder do grupo e estudante do 8º Semestre do Curso de Jornalismo, email: mikaeleteodoro@gmail.com

⁵ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo, email: daniela.ota@ufms.br

Passe Livre (MPL), responsável por suscitar as manifestações que nos dias seguintes atrairiam os holofotes da imprensa e se espalhariam como "epidemia" pelo Brasil, contagiando rapidamente a população de diferentes cidades. Em Campo Grande (MS), mais de 45 mil pessoas tomaram a Afonso Pena, principal avenida da capital nos dias 20, 21 e 22 de junho. O fim da corrupção, da reforma política e melhorias na educação e saúde públicas estiveram entre as principais reivindicações apresentadas nos atos.

O que todas as manifestações ocorridas durante o período tiveram em comum foi a articulação das ações feitas por meio da rede social Facebook. Apenas o evento intitulado “I Ato Público de Apoio a Manifestação Nacional - Campo Grande, MS” teve mais de 35 mil participantes confirmados. A facilidade de compartilhar e viralizar informações sobre o ato por meio da internet colaborou para a divulgação de tal debate para um número muito maior de pessoas.

A possibilidade de criar eventos e convidar inúmeras pessoas para tais ampliou a capacidade de pulverização de informações. O que outrora foi feito pelo rádio, nas décadas de 1930 e 1940, foi, nessa ocasião, refeito e fortalecido pelas mídias digitais, mais precisamente os aplicativos e as redes sociais. Nesse contexto, surgiu a necessidade de se entender como funcionam as relações entre o público e tais mídias.

OBJETIVOS

Apresentar de forma simples, por meio de um rádio documentário o poder de articulação das redes sociais e como elas colaboraram para a construção das manifestações ocorridas em junho 2013, em Campo Grande.

JUSTIFICATIVA

O número de pessoas com acesso à internet no Brasil ultrapassou pela primeira vez a casa dos 100 milhões, segundo estudo divulgado pelo Ibope Media. Os dados referentes ao primeiro trimestre de 2013 indicam que o país tem 102,3 milhões de internautas. (pesquisa em andamento sobre o perfil do usuário e acesso regional).

Dados divulgados em março de 2013 pela comScore (empresa de pesquisa de mercado digital) revelam que o tempo que os brasileiros passam em redes sociais aumentou de 342 minutos em média por usuário por mês em outubro de 2011 para impressionantes

579 minutos por usuário por mês em dezembro de 2012. Eles passam a maior parte desse tempo (93%) no Facebook, que ocupa a primeira posição na categoria.

A rede social “Facebook” também se destaca em número de usuários, é a que possui o maior número cadastrados no mundo. Apenas no Brasil, a plataforma alcançou a marca de 76 milhões de cadastrados em junho de 2013, segundo a própria empresa. O número mantém o país no posto de segundo maior mercado em número de usuários da rede social no mundo – o primeiro posto ainda é ocupado pelos Estados Unidos. O total corresponde a 7% do número total de cadastrados no site, que chegou recentemente a 1,15 bilhão de pessoa. Essas ferramentas tecnológicas possibilitaram a revisão de conceitos como liberdade de informação, dando lugar a assuntos como comunicação compartilhada, inteligência coletiva, fim da passividade do receptor e direito à intercomunicação. Essas mudanças trouxeram enormes repercussões em nossa vida social, econômica

MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

Começamos a coleta do nosso material no dia 16 de junho de 2013, durante a assembleia que reuniu cerca de 300 jovens no Parque das Nações Indígenas, em Campo Grande, para organizar os protestos. O evento, criado no Facebook pelo grupo “Anonymous MS”, discutiu e encaminhou pautas para as mobilizações locais, as rotas por onde passariam os manifestantes e, ainda, definiu o evento criado pelo estudante Ítalo Gusmão como oficial, isto é, onde todos deveriam confirmar presença.

Nos dias 18 e 19, participamos de mais duas reuniões pré-ato, convocadas via Facebook, que ocorreram na Praça do Rádio Clube, no centro de Campo Grande, durante as quais ouvimos diferentes opiniões e posições políticas diversas. Nestes dois dias, a quantidade de pessoas era bem reduzida, mas tivemos a chance de conversar com um público mais diversificado e engajado, uma vez que as discussões eram conduzidas por integrantes de movimentos sociais na cidade.

Durante os três dias de manifestações, munidas de um gravador digital (que acabou não sendo utilizado por falha técnica), uma câmera fotográfica e um aparelho celular Iphone, nos misturamos à multidão que tomou as ruas da capital. Nossa intenção foi conseguir o maior número de entrevistas possível, focadas em descobrir como os participantes souberam das manifestações; se havia sido por meio das redes sociais, os motivos que os levaram a participar do ato e se acreditavam que, sem o Facebook como

ferramenta de divulgação, os protestos teriam tomado a mesma proporção que tomaram. Ao todo, foram captadas 26 entrevistas nesses três dias.

Um ponto observado pelo grupo foi a presença de bandeiras extremamente opostas entre os manifestantes. Enquanto em algum local do trajeto alguns gritavam “aonde o boi berra o índio pede terra”, defendendo a causa indígena no estado, em outro havia quem declarasse que estava ali pela insatisfação de ver fazendeiros perdendo suas terras injustamente. O mesmo aconteceu com a discussão sobre a votação da PEC 37, sobre a qual alguns se mostravam a favor, enquanto outros eram contra e, ainda, com discussão sobre a legalização da maconha, entre outros exemplos. No entanto, apesar das múltiplas bandeiras, o motivo escolhido pelos entrevistados em sua maioria, que os levava até aquele momento de manifestação, era o desejo de dizer basta à corrupção brasileira e pedir melhorias na educação e na saúde.

Durante os dias que se seguiram acompanhamos as discussões na mídia local e nacional através da internet. Fizemos várias leituras de versões oficiais e também alternativas publicadas em sites, blogs e compartilhadas em diversos perfis e páginas do Facebook. Depois disso, veio a primeira fase de decupagem. Todos os áudios coletados durante as manifestações foram degravados. Em seguida, começamos a busca por fontes que dessem sustentação a nossa proposta: mostrar como o Facebook influenciou na articulação das Jornadas de Junho.

Entramos em contato então com o criador do evento no Facebook, o estudante Ítalo Gusmão, de 18 anos. Combinamos nosso bate-papo na Praça do Rádio e tudo correu de maneira bastante natural e espontânea. Ítalo estava acompanhado de um amigo, que o ajudou na organização do evento, e nos contou os motivos que o levaram a tal feito. Ainda falou sobre os problemas que teve com veículos midiáticos locais, que segundo ele, distorceram sua versão dos fatos, e os ataques pessoais que sofreu por conta dessas informações.

Depois de saber como aconteceu a criação do evento que levou cerca de 45 mil campo-grandenses às ruas, partimos em busca de peritos no assunto. A primeira escolha foi o sociólogo Sérgio Amadeu, definida por conta da limitação de não termos encontrado especialistas em nossa esfera local e o fato de Amadeu ser um pesquisador reconhecido na área de software livre. Infelizmente, depois de muitas entrevistas desmarcadas devido a sua agenda cheia, e visto que nosso tempo estava escasso por conta dos prazos estabelecidos inicialmente, decidimos encontrar outro estudioso da área.

Foi quando descobrimos, por indicação do editor de um dos veículo alternativos que atuaram na cobertura das manifestações nacionais, o Doutor em Comunicação e Cultura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, Fabio Malini. Malini é professor adjunto do Departamento de Comunicação da Universidade Federal do Espírito Santo e escreveu o livro “A Internet e a Rua” (2013). Contatamos Malini pelo Facebook e o entrevistamos via Skype. A conversa foi de extrema relevância, uma vez que Malini apresentou pontos de vista bastante consistentes, graças às análises que faz sobre as redes sociais e como elas extrapolam os limites do virtual nas manifestações que aconteceram na Espanha em 2011, no Movimento 15M, e na Primavera Árabe, que teve início em 2010.

Depois dessa entrevista, procuramos o filósofo Ricardo Pereira Melo, Mestre em Filosofia pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná e Professor Assistente da Universidade Federal do Mato Grosso do Sul. O motivo da escolha de Melo foi por ele ter participado de um debate logo após as manifestações, abordando pontos que nos interessavam, como as controvérsias das versões da mídia tradicional e a diferença entre as gerações de manifestantes.

Na intenção de coletar dados substanciais e comerciais sobre o Facebook, contatamos o analista em sistemas de *web* Alexandre Montello. Dono de uma empresa de marketing que utiliza a rede social como ferramenta de publicidade ele pode nos dar a visão de como a plataforma é utilizada comercialmente.

Prevíamos ainda uma entrevista com a especialista em Radiodifusão, a Doutora em Ciências da Comunicação Sonia Virginia Moreira, mas nos deparamos mais uma vez com o problema de incompatibilidade de agendas, assim como ocorreu com o sociólogo Sérgio Amadeu.

Chegamos então ao nosso último entrevistado, o *mídia-livrista* Luiz Felipe Marques, integrante do coletivo Mídia Ninja (Narrativas Independentes, Jornalismo e Ação), grupo que ganhou notória fama durante o período das manifestações por oferecer uma cobertura próxima a realidade vivida pelos manifestantes, diferentemente da mídia corporativa, e em tempo real, através de aparelhos celulares conectados à internet e das redes sociais. A entrevista aconteceu via Skype, uma vez que Luiz está morando em Brasília.

Terminado esse processo, veio a segunda parte de decupagem e a formulação do roteiro. O produto ficou dividido em quatro blocos. O primeiro bloco contextualiza as mobilizações em Campo Grande, com dados como número de manifestantes, qual foi a importância do Facebook como ferramenta de articulação e como foi criado o evento na

capital. Foram utilizados recursos como captação do áudio de matérias televisivas para dar uma dinâmica mais fluida ao ouvinte.

No segundo bloco, abordamos o perfil dos manifestantes e suas principais reivindicações. No terceiro bloco foi discutida a criminalização dos manifestantes e a diferença de abordagens entre a mídia corporativa e a mídia livre. Aqui, nos valem das falas dos jornalistas Arnaldo Jabor e José Luiz Datena, por terem impulsionado exponencialmente o ‘*meme*’ criado na rede Facebook sobre o assunto. O recurso de utilizar matérias televisivas nacionais neste ponto se dá com o intuito de contextualizar as manifestações em nível de Brasil e substituir a utilização de muitos *offs*, por acreditarmos que isso tornaria o documentário cansativo.

Por fim, no quarto e último bloco, procuramos estimular nos espectadores uma reflexão a respeito da crise política que se evidenciou com as mobilizações. Citamos a fala da Presidente Dilma Rousseff, durante um pronunciamento em cadeia nacional sobre as manifestações, e finalizamos com um trecho do texto “A mídia, os artistas, o medo e o silêncio” do escritor João Paulo Cuenca, o qual tomamos conhecimento por intermédio de Fabio Malini e que nos chamou a atenção fortemente. A escolha da música de encerramento do *rapper* Emicida, “Samba do fim do mundo” se deve pelo fato de ela, de certa forma, compilar toda a temática que tentamos transmitir com o nosso produto final.

CONSIDERAÇÕES

Com a produção desse rádio documentário pudemos constatar o importante papel que as redes sociais desempenharam na articulação das manifestações de junho de 2013, em Campo Grande (MS). Seja pela facilidade de selecionar e compilar conteúdos de interesse individual ou pela facilidade de compartilhar e comentar informações, o fato é que as redes sociais obtiveram o posto de grande mobilizador e agregador de pessoas.

Nas entrevistas realizadas durante os protestos em Campo Grande, nos dias 20, 21 e 22 de junho, esse papel ficou muito evidente. Dos 26 entrevistados, nos três dias, 24 afirmaram ter tido contato com a organização das manifestações na Capital por intermédio das redes sociais. Além disso, muitos deles admitiram duvidar da ocorrência dos protestos caso as informações não estivessem disponíveis nessas plataformas. Posteriormente, os depoimentos de especialistas e pesquisadores entrevistados por nós confirmaram a

importância central das redes sociais no desencadeamento dos eventos ocorridos, funcionando como um espaço de compartilhamento de anseios e revoltas.

Em meio a uma enorme gama de mídias sociais existentes, preferimos nos limitar a observação apenas do Facebook nesse processo de articulação, principalmente por ser a rede social de maior utilização e acesso no Brasil e, também, por esta apresentar ferramentas que se sobressaíram às demais no quesito organização e convocação de pessoas. Podemos citar a possibilidade de compartilhar conteúdos e, principalmente, a criação de eventos e a facilidade de se convidar amigos para tais como os maiores destaques dessa plataforma. Observamos também que, assim como foram importantes para o desencadeamento dos atos, as redes sociais garantiram ainda o acesso de boa parte da população a uma quantidade incontável de fontes de informações que não apenas os meios impressos e televisivos.

Além da ampla diversidade de pautas e demandas, os perfis, isto é, as idades, posicionamentos políticos ideológicos e estratos sociais também se apresentaram absolutamente multiformes. Apesar disso, a necessidade de se tomar a rua e verbalizar desejos e anseios antes esquecidos pode ser considerada comum a todos eles. Essa radicalização das demandas e volta das ações diretas foram acompanhadas de perto e construídas a todo momento pela figura dos *midia-livristas* que, em certa altura das manifestações, obtiveram maior destaque que as próprias ações organizadas, justamente pela proximidade entre sua pauta e sua causa.

Esses mediadores, munidos de celulares com acesso à internet 3G ou por meio do compartilhamento de redes *wi-fi* cedidas pela população, mostraram de perto e dentro a verdadeira face das movimentações sociais como nunca antes haviam sido relatadas pela mídia tradicional. Valendo-se de transmissões ao vivo e pouquíssimas edições no material, considerado por muitos bruto demais para ser transmitido, esses *ciberativistas* permitiram o acompanhamento diferenciado desse período histórico.

Blogs, perfis e páginas na internet pipocaram durante todos os meses decorridos desde os atos iniciais suscitados pelo Movimento Passe Livre, em São Paulo, que levou milhares de paulistanos às ruas para protestar contra o aumento das passagens e a péssima qualidade do transporte público da cidade. Como fogo em palheiro, o movimento cresceu e se alastrou por todo o Brasil. Muito dessa expansão se deve justamente a esses canais alternativos de comunicação, a mídia livre, em desenvolvimento no Brasil há mais de 10 anos, mas que viveu especial ascensão e notoriedade durante as manifestações.

Essa ascensão da mídia livre muito se explica pela procura da população, antes rara, por versões diferentes daquelas apresentadas pela mídia tradicional, evidenciando para um grande número de pessoas as interferências e vícios de coberturas desses veículos consagrados. Com isso, cai também o estereótipo, a máscara de “despolitizados” presa historicamente à população brasileira. Exemplo disso são as pesquisas que apontaram que os posts mais curtidos durante o período de manifestação tratavam-se de textos corridos. Isso mostra que existiu uma busca por informação e conteúdos complementares aos apresentados no rádio, na televisão e jornais impressos.

O fim da passividade política e o despertar do interesse social de uma parcela da população menos atuante pode ser considerada como grande consequência dessas manifestações, que são apontadas por muitos como a maior mobilização desde o *impeachment* do ex-presidente Fernando Collor, em 1992.

À luz de toda movimentação, articulação e mudanças de condutas e pensamentos, podemos concluir que a principal herança desse período de manifestações foi a consciência a respeito de duas crises profundas arraigadas no Brasil. Em primeiro lugar, a crise da comunicação e a necessidade imediata de uma reformulação do modelo jornalístico, obsoleto e estagnado, adotado pelos grandes veículos de comunicação. E, ainda, a urgência da democratização da comunicação e o repensar do modo superficial de abordagem da mídia corporativa para com os movimentos sociais. Em raríssimos momentos da história da comunicação do Brasil, os veículos tradicionais foram tão questionados pela população. Também são poucas as vezes que verificamos tão claramente as dificuldades por parte destas empresas de se entender e acompanhar o desenvolvimento das pautas defendidas pela população e incessantemente negadas pelas mesmas. Do mesmo modo, nunca nos pareceu tão notável a tentativa de criminalizar, desqualificar e diminuir ações espontâneas da sociedade.

Em segundo lugar, e talvez ocupando lugar mais simbólico como resultado dessas jornadas, podemos elencar a crise da representação política. A negação por parte da população de todo modelo de política praticado no Brasil, com base nas trocas de favores, conchavos e disputas de poder e a necessidade urgente de uma oxigenação da democracia brasileira com as garantias legais garantidas pela constituição à sociedade nunca foram tão discutidas. Partidos, sindicatos e todos os símbolos que caracterizam esse modelo democrático representativo estão sob julgamento popular. A renovação é iminente e a busca por alternativas não deve se limitar às redes sociais, mas sim ultrapassá-las, ganhar as

ruas e fazer ruir toda a estrutura cristalizada por anos e anos de apatia política, processo esse iniciado com as Jornadas de Junho.

Por todos os motivos citados, o desenvolvimento deste rádio documentário, que nos permitiu acesso a uma grande quantidade de artigos, bibliografias e opiniões acerca do que representaram tais manifestações, nos levou à conclusão de que o período conhecido como Jornadas de Junho já obteve lugar de destaque no *hall* dos grandes eventos históricos, políticos e sociais do Brasil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Livros

CASTELLS, Manuel. A Sociedade em Rede, São Paulo, SP, p.57;442-457, Paz e Terra, 2011.

CASTELLS, Manuel. Redes de Indignação e Esperança – Movimentos Sociais na era da Internet. Zahar, 2013.

DINES, Alberto; MEDITSCH, Eduardo. O Rádio na Era da Informação. Florianópolis, p. 123-128, Insular Ltda, 2007

MALINI, Fábio; ANTOUN, Henrique. A Internet e a Rua: Ciberativismo e Mobilização nas redes sociais. Porto Alegre, RS: Editora Sulina, 2013.

LAGE, Nilson. Linguagem Jornalística. São Paulo: Ática. 1985

PINHO, J.B. Jornalismo na internet: Planejamento e produção da informação. São Paulo, Summus, 2003

TARGINO. M.das G. Jornalismo cidadão informa ou deforma? Brasília, DF, p. 72-83, UNESCO, 2009.

Endereços de Internet

BOITO, Armando Jr. O impacto das manifestações de junho na política nacional. 2 de agosto de 2013. Disponível em: <<http://www.brasildefato.com.br/node/15386>>. Acesso em 11 de nov. de 2013.

CHAUÍ, Marilena. Manifestações de junho de 2013 na cidade de São Paulo. 27 de junho de 2013. Disponível em <<http://www.teoriaedebate.org.br/materias/nacional/manifestacoes-de-junho-de-2013-na-cidade-de-sao-paulo?page=full>>. Acesso em 11 de nov. de 2013.

CARTA CAPITAL. Os protestos de junho entre o processo e o resultado. 27 de outubro de 2013. Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/sociedade/os-protestos-de-junho-entre-o-processo-e-o-resultado-7745.html>>. Acesso em: 11 de nov. de 2013.

CNT. Redes sociais têm ganhado cada vez mais importância no cenário político brasileiro. 17 de julho de 2013. Disponível em: <http://www.cnt.org.br/Paginas/Agencia_Noticia.aspx?n=9005>. Acesso em 22 de set. de 2013.

FOLHA DE S. PAULO. Brasil chega a 76 milhões de usuários no Facebook. 14 de agosto. Disponível em <<http://www1.folha.uol.com.br/tec/2013/08/1326267-brasil-chega-a-76-milhoes-de-usuarios-no-facebook-mais-da-metade-acessa-do-celular.shtml>>. Acesso em: 22 de set. de 2013.

MS RECORD. Alcides Bernal garante participação em manifestação na capital desde que seja pacífica. 18 de junho de 2013. Disponível em: <<http://www.msrecord.com.br/noticia/ver/96791/alcides-bernal-garante-participacao-em-manifestacao-na-capital-desde-que-seja-pacifica>>. Acesso em 22 de set. de 2013.

MS RECORD. Em apoio ao movimento nacional, grupo de estudantes organizam protestos contra corrupção na capital. 17 de junho de 2013. Disponível em: <<http://www.msrecord.com.br/noticia/ver/96766/em-apoio-a-movimento-nacional-grupo-de-estudantes-organizam-protestos-contra-corrupcao-na-capital>>. Acesso em 22 de set. de 2013.

MS RECORD. Defensoria pública trabalha para que detidos em manifesto respondam em liberdade. 24 de junho de 2013. Disponível em: <<http://www.msrecord.com.br/noticia/ver/97101/defensoria-publica-trabalha-para-que-detidos-em-manifesto-respondam-em-liberdade>>. Acesso em 22 de set. de 2013.

MS RECORD. Confusão e destruição no II dia de manifestos na capital. 21 de junho de 2013. Disponível em: <<http://www.msrecord.com.br/noticia/ver/96996/confusao-e-destruicao-no-ii-dia-de-manifestos-na-capital>>. Acesso em 22 de set. de 2013.

MS RECORD. PM garante segurança durante protesto. 19 de junho de 2013. Disponível em: <<http://www.msrecord.com.br/noticia/ver/96856/pm-garante-seguranca-durante-protesto-manifestantes-sao-apartidarios-diz-coordenador>>. Acesso em 22 de set. de 2013.

MACHADO, Renato. O papel das redes sociais nas manifestações populares. – Jornal da Globo. 20 de junho de 2013. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=hpIBeNQXHyo>>. Acesso em 11 de nov. de 2013.

PRAGMATISMO POLÍTICO. Por que a mídia tradicional tem medo da mídia ninja. 13 de agosto de 2013. Disponível em: <<http://www.pragmatismopolitico.com.br/2013/08/por-que-a-midia-tradicional-tem-medo-da-midia-ninja.html>>. Acesso em: 15 de nov. de 2013.

TV MORENA. Protesto em Campo Grande reúne 30 mil pessoas. 21 de junho de 2013. Disponível em: <<http://globo.com/tv-morena/bom-dia-ms/v/protesto-em-campo-grande-reune-30-mil-pessoas/2647239/>>. Acesso em 12 de nov. de 2013.

TV MORENA. Manifestação tumultua o trânsito de Campo grande. 21 de junho de 2013. Disponível em: <<http://globo.com/tv-morena/bom-dia-ms/v/manifestacao-tumultua-o-transito-de-campo-grande/2647255/>>. Acesso em 12 de set. de 2013.

TV MORENA. Multidão vai às ruas em Campo Grande MS. 20 de junho de 2013. Disponível em: <<http://globo.com/rede-globo/jornal-nacional/v/multidao-vai-as-ruas-em-campo-grande-ms/2646331/>>. Acesso em 12 de set. de 2013.

TERRA. Não basta apenas criticar na internet, diz sociólogo Manuel Castells. 10 de junho de 2013. Disponível em: <http://noticias.terra.com.br/mundo/nao-basta-apenas-criticar-na-internet-diz-sociologomanuel-castells,ebf104ce0f03f310VgnVCM20000099cceb0aRCRD.html>>. Acesso em 30 de jul. de 2013.

SENADO. Manifestações e protestos populares articulados pelas redes sociais na internet preocupam a segurança nacional. 1 de julho de 2013. Disponível em: <<http://www.senado.gov.br/noticias/Jornal/emdiscussao/defesa-nacional/razoes-para-a-implementacao-da-estrategia-nacional-de-defesa/manifestacoes-e-protestos-populares-articulados-pelas-redes-sociais-na-internet-preocupam-a-segurana-nacional.aspx>>. Acesso em: 11 de nov. de 2013.

YOUTUBE. Em protesto, 30 mil manifestantes fecham principais vias da capital. 21 de junho de 2013 – MS RECORD. Disponível em:<<http://www.youtube.com/watch?v=t0QhksDY-Z0>. Acesso em 12 de novembro de 2013>. Acesso em 12 de nov. de 2013.

YOUTUBE. Grupo de manifestantes para na prefeitura e Câmara Municipal de Campo Grande. 21 de junho de 2013 – MS RECORD. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=k0txJQ5389A>>. Acesso em 12 de nov. de 2013.

YOUTUBE. Manifestantes fizeram reivindicações por mais investimentos em saúde e educação. – SBT MS. 21 de junho de 2013. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=MH1eeRR8HJo>>. Acesso em 12 de nov. de 2013.

YOUTUBE. Bernal anuncia redução de 10 centavos na passagem de ônibus. – SBT MS. 20 de junho de 2013. Disponível em: <http://www.youtube.com/watch?v=p_SYpA2RK2k>. Acesso em 12 de nov. de 2013.

YOUTUBE. Segundo dia de manifestações deixa três pessoas feridas. – SBT MS. 21 de junho de 2013. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=oBP8A1eIY1c>>. Acesso em 12 de nov. de 2013.

YOUTUBE. Jornal do SBT na íntegra. 20 de junho de 2013. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=6y7s6gut5p0>>. Acesso em 13 de nov. de 2013.

YOUTUBE. Manifestações históricas no Brasil – Jornal da Record. 20 de junho de 2013. Disponível em: <<http://www.youtube.com/watch?v=wrMhaZDW-yQ>>. Acesso em 13 de nov. de 2013.